

UBUNTUÍSMO: A SOLIDARIEDADE AFRICANA

Jurandir Goulart Soares*

Maria Aparecida Soares Pereira**

Resumo: Este artigo versa sobre a filosofia africana e trata especificamente de seu referencial *ubuntuísmo*. Este referencial é poeticamente conhecido pelo aforisma sul-africano: “*Umuntu Ngumuntu Ngabantu*” [‘uma pessoa o é somente no seio das outras’]. O *ubuntu* é considerado um dos fundamentos da filosofia africana e metodologicamente podemos identificá-lo sobre três perspectivas: ontológica, epistemológica e ética, mas trata-se da mesma realidade. Propõe-se ainda a reflexão do *ubuntuísmo* na dimensão político-social e faz-se referência à sua origem nos movimentos de libertação africana, nos quais propõe a transformação social através da justiça e da solidariedade entre os membros da comunidade humana.

Palavras-chave: Filosofia africana. *Ubuntuísmo*. Solidariedade. Justiça social.

Ubuntuism: The African Solidarity

Abstract: This item deals with the African philosophy and focuses definitely on the *ubuntuism*. This standpoint is poetically known by the South African aphorism: "*Umuntu ngumuntu ngabantu*" [‘a person is the only within the other’]. The *Ubuntu* is well-thought-out one of the foundations of African philosophy and methodologically we can identify it on three outlooks: ontological, epistemological and ethical. However, this stands for the same reality. It is likewise suggested the *ubuntuism* reflection in political and social facet and therefore referring to its foundation in the African liberation movements, in which it is advocated the social transformation through justice and solidarity amidst members of the human community.

Keywords: African Philosophy. *Ubuntuism*. Solidarity. Social justice.

Introdução

A ideia de elaborar este artigo surge do nosso desejo de conhecer e interagir com o pensamento filosófico africano. Diante da complexidade da constituição da filosofia em geral

* Mestrando em Educação/Ensino em Filosofia na Universidade Pedagógica Sagrada Família de Maxixe, Inhambane, Moçambique. E-mail: juragoulart@yahoo.com.br.

** Mestranda em Administração e Gestão da Educação na Universidade Pedagógica Sagrada Família de Maxixe, Inhambane, Moçambique.

e, disso não está isenta a filosofia africana, verifica-se esta complexidade nas distintas abordagens, ou seja, nos referenciais (Objetivação, subjetivação e intersubjetivação) da história da filosofia africana (CASTIANO, 2010). Em geral a reflexão filosófica situa-se dentro de um contexto sócio-político-cultural, a nossa pesquisa insere-se no contexto africano moçambicano.

Aqui vamos nos deter no referencial do *ubuntuísmo*, isto é, um princípio caro para os africanos. Este ganhou popularidade no contexto africano a partir do aforisma zulu: *umuntu ugumuntu ngabantu* [‘uma pessoa o é somente no seio das outras’]. Em outras palavras, ‘Ser ser humano é afirmar a sua humanidade reconhecendo a humanidade do outro’ (RAMOSE, 2009). *Ubuntu* é um ser em construção que na medida em que se abre para o outro reconhece a si mesmo e se lança para o futuro comum.

Este trabalho está dividido em duas partes: a primeira, *Ubuntu um referencial da filosofia africana*, segue o esquema demonstrado pelo pensador sul-africano Mogobe Ramose, que apresenta o *ubuntu* como base da filosofia africana sob três perspectivas: ontológica, epistemológica e ética. Na segunda parte, *Ubuntu: alternativa para superar a crise político-social*, alicerçada nos três precedentes (ontológico, epistemológico, ético) do *ubuntuísmo* propõe-se uma discussão no viés político-social recorrendo a três princípios caros à cultura negro-africana: família alargada, negritude e solidariedade como alternativa para superar a crise.

1 *Ubuntu* um referencial da filosofia africana

Quando se fala no *ubuntu* ou *ubuntuísmo* como referencial da filosofia africana (CASTIANO, 2010) aparece nitidamente duas realidades: a virtude e a fraqueza. Se por um lado, o *ubuntuísmo* revela o aspecto original do ser africano, por outro lado, *ubuntuísmo*, ainda não produziu texto à altura de lhe revestir de um estatuto filosófico. Mesmo que há escassez de textos sobre filosofia *ubuntu*, isso não nos intimida, pelo contrário, é uma razão a mais para escrevermos sobre esse referencial da filosofia africana.

Ubuntuísmo enquanto sistematização filosófica tem sua origem em vários países da África, mas sua maior expressão se dá na África do Sul. O seu surgimento tem raízes nos movimentos de libertação: tanto afro-americano, no caso da *black theology* (Estados Unidos da América), como no movimento *black Consciousness* (África do Sul). E a nível educacional a influência da obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (Brasil). Dentre esses, destaca-se o *black consciousness*, movimento de libertação surgido na África do Sul liderado por Steve

Biko¹, que denunciava as condições desumanas vividas pelos negros no regime do apartheid (CASTIANO, 2010).

De acordo com a demonstração do pensador sulafricano Mogobe Ramose, “*ubuntu* é a base ou fundamento da filosofia africana. Esta base ou fundamento deve ser procurado na Ontologia, na Epistemologia e na Ética *ubuntu-africana* que segundo Ramose (1999, p. 49), são aspectos de uma e da mesma realidade” (CASTIANO, 2010, p. 157). Da mesma forma, a primeira parte desta investigação propõe seguir esse percurso, isto é, trabalhar o pensamento *ubuntu* sob três bases, nomeadamente, a base ontológica, a base epistemológica e por fim, a base ética.

1.1 *Ubuntu* na perspectiva ontológica

Consideramos importante trazer presente a noção de *ubuntu* do filósofo sul-africano Mogobe Ramose (2009). De acordo com sua definição, o termo ‘*ubuntu*’ é composto por duas palavras numa só. O prefixo ‘ubu’ e a raiz ‘ntu’ evoca a ideia de ser, em geral. Este conceito ético enfatiza as relações, alianças entre as pessoas e as relações entre elas. Trata-se de uma categoria epistêmica e ontológica fundamental do pensamento em África dos grupos que falam línguas *bantu*.² Nas línguas *bantu* o verbo não está separado do autor e o nome não está separado do verbo, por isso, *ubuntu* é um gerúndio, isto é, o *Ser* ‘*se-endo*’, que evoca uma ação continuada.

Ubuntu é um ser profundamente marcado pela incerteza, por estar ancorado na busca de compreensão do cosmo numa luta constante pela harmonia, essa compreensão é

¹ “Stephen Bantu Biko, ou Steve Biko, nasceu em 18 de dezembro de 1946 e morreu em 12 de setembro de 1977, aos 30 anos, após ser preso e torturado. Ativista anti-apartheid da África do Sul na década de 1960 e 1970, Biko não faz somente parte da memória política da África do Sul, mas também da memória da cultura ocidental. O Movimento da Consciência Negra de Biko agregou para si o slogan *Black is Beautiful*, que nos Estados Unidos destinava-se a dissipar a noção de que as características físicas dos negros — como cor da pele, detalhes do rosto e cabelos — seriam feias. O movimento também incentivava homens e mulheres a pararem de esconder seus traços afros alisando o cabelo, clareando a pele, etc. Porém, na África do Sul, a luta análoga era outra, muito mais básica, e o *Black is Beautiful* de Biko significava algo como “você tem que olhar para si mesmo como um ser humano e aceitar a si mesmo como você é” (Milton Ribeiro). Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/steve-biko-e-o-movimento-de-consciencia-negra-na-africa-sul>>. Acesso em: 09 nov. 2015.

² “O termo ‘bantu’ aplica-se a uma civilização que conserva a sua unidade e foi desenvolvida por povos de raça negra.” (ALTUNA, 2005, p. 23). “As línguas bantas formam o grupo mais maciço e uniforme. São tão semelhantes que se torna difícil classificar. São faladas no Uganda, Quênia, Tanzânia, Ruanda, Burundi, Zâmbia, Moçambique, Zimbabué, África do Sul, Angola, Congo (Zaire), Gabão, Camarões, República do Congo, Malawi, Botswana, Lesoto. Abrangem quase 200 grupos” (ALTUNA, 2005, p. 27-28).

importante, pois a política, a religião e o direito assentam e estão banhados da experiência e do conceito da harmonia cósmica.³ Assim comenta Castiano:

Neste sentido, o *ubu* está sempre orientado para se manifestar no *ntu*. Por isso, a separação feita acima do termo *ubuntu*, é somente ao nível linguístico e não ontológico. Sob o ponto de vista ontológico não há nenhuma divisão entre o Ser e o Aparecer, entre a essência e a maneira particular do ser se manifestar (2010, p. 156).

De acordo com a compreensão de Ramose há ainda que diferenciar o termo *ubu* do termo *umu* nas línguas *bantu*. Enquanto o *ubu* expressa o Ser na sua forma mais geral, o *umu* expressa o Ser junto ao *ntu*, portanto, *umuntu*, expressa um Ser específico, o Ser humano – enquanto ser político, religioso e, sobretudo, enquanto uma entidade moral (CASTIANO, 2010). Neste sentido, cada homem é dotado de sua dignidade de pessoa, enquanto inserido numa comunidade e se reconhece parte da mesma. A ‘pessoa africana’, mantém o seu valor quando está aberto ao divino, à comunidade e com todo o cosmo.

Para aprofundar a noção de *ubuntu* sob a perspectiva ontológica vamos reconhecer a recente pesquisa feita pelo filósofo Ezio Lorenzo Bono (2014), sobre a noção de pessoa na filosofia africana contemporânea. A ideia de pessoa na filosofia africana contemporânea encontrada pelo autor vem de duas vertentes: da análise das obras filosóficas dos vários autores africanos e da *Palabre* com os vários sábios entrevistados.⁴ De acordo com a compreensão de Bono

A ideia de pessoa na filosofia africana contemporânea contém em si, os três princípios fundamentais do personalismo: Deus-Pessoa-Comunidade. A pessoa africana é um ser ontologicamente religioso: a sua fé em Deus, funda a verdade da pessoa. A comunidade é um elemento fundamental (*I am because we are ...*) sem o qual o indivíduo seria desenraizado (2014, p. 229).

³ Numa entrevista concedida por e-mail à Revista *Instituto Humanitas da Unisinos* (IHU On-Line), o teólogo congolês e doutor em sociologia Bas’Ilele Malomalo, escreve o seguinte sobre o *ubuntu*. Do ponto de vista filosófico e antropológico, o *ubuntu* retrata a cosmovisão do mundo negro-africano. É o elemento central da filosofia africana, que concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino, a comunidade de seres humanos e a toda a natureza. Esse pensamento é vivenciado por todos os povos da África negra tradicional e é traduzido em todas as suas línguas (MALOMALO, 2010).

⁴ Bono apresenta em sua obra as principais noções de pessoa na filosofia africana contemporânea, a saber: uma força vital (TEMPELS, 1945), Ser de inteligência (KAGAME, 1956), Ser como União Vital (MULAGU, 1965), Ser religioso (MBITI, 1969), Ser oprimido em busca de libertação (Ela, 2001), Ser comunitário e ser pessoal (MENTIKI, 1984 & GYEKYE, 1989), Ser em crise (BULAGA, 1977), Ser de comunicação (LOPES, 1997), Ser sujeito da história (NGOENHA, 1992), Ser de intersubjetivação (CASTIANO, 2010) e a *palabre com os sábios africanos* da cultura dos Vatonga (AMARAL, 2008); da acultura dos Vatshwa (MARTINEZ, 2005); e da cultura dos Vacopi (LANGA, 1992). Estes sábios são representantes da cultura bantu desses povos que vivem ao Sul de Moçambique.

A partir daí permitiu-se definir um modelo africano de pessoa, o qual o autor denomina com o neologismo *Muntuísmo*, que na língua portuguesa se traduz por personalismo africano. No entanto, Bono (2014) interpreta que a ideia proposta pelos autores pesquisados apresenta uma limitação na medida em que a comunidade se sobrepõe de tal maneira sobre o indivíduo, que ele perde sua autonomia. A primazia da comunidade sobre a pessoa pode-se ser exemplificado no aforisma africano de Mbiti: “*I Am because We are; and since We are, therefore I Am*” (“Eu sou porque nós somos e como somos, logo existo”). Essa noção de pessoa africana limita-se apenas no plano horizontal e não reconhece a verticalidade na qual todas as pessoas estão inseridas ontologicamente. Para superar esse ponto fraco Bono propõe o *Muntuismo*, ou seja, o personalismo africano: “Por *Muntuísmo* entendemos o modelo de Pessoa africana que encontra a sua verdade e abertura transcendental e horizontal, que definimos no aforisma ‘*I Am because I believe and I Love*’” (2014, p. 233). Neste aforisma “Eu sou porque acredito e amo”, de acordo com o autor acima citado, expressa a dupla abertura (horizontal e vertical) da ontologia africana e revela com mais completude a verdade do homem.

1.2 *Ubuntu* na perspectiva epistemológica

A segunda perspectiva que podemos encontrar na base fundamental da filosofia *ubuntu-africana* é a epistemológica. A epistemologia enquanto disciplina ajuda no conhecimento do homem, do seu pensamento por meio da linguagem.

O ponto de partida que Ramose nos coloca é interessante, isto é, a relação intrínseca entre o *umuntu* e o *ntu*, como ele assegura:

Sem a palavra *umuntu*, o *ntu* estaria condenado ao silêncio total. Assim, a palavra *umuntu* está irremediavelmente ligada ao *ubuntu*, para expressar as condições de existência do *ubuntu* [...]. Digamos que o *umuntu* tem um compromisso naturalmente indissociável com o *ubuntu*. Só assim se compreende a expressão africana *Eu sou porque tu és*, que sublinha que a nossa existência como indivíduos só se pode compreender através dos outros membros da comunidade; a nossa humanidade só é possível manifestar-se ao reconhecermos a humanidade dos outros. Portanto, um comportamento humano é a base das relações entre os homens (CASTIANO, 2010, p. 157-158).

Nas palavras de Ramose (2010, p. 8, “A linguagem e o pensamento andam de mãos dadas. O pensamento é o instrumento para o cultivo e a construção da cultura. Assim, a linguagem – na acepção ampla de fala, ação e escrita – é a fonte do *ubuntu*”⁵. A linguagem⁶

⁵ Numa entrevista à Revista do Instituto Humanitas da Hunisinos (IHU), São Leopoldo, Ed. 353, 06 dez. 2010.

do *umuntu* está sempre orientada para o ‘*ubu*’, ou seja, uma ação obrigatória. A linguagem está ancorada na própria qualidade do *ubuntu*. Por isso, há uma relação inseparável ente o ser e a ação, uma relação indivisível entre ‘*ubuntu*’ e ‘*umuntu*’. Daí a máxima: “*Umuntu Ngumuntu Ngabantu*”, que pode ser traduzido como “eu sou porque você é, e você é porque nós somos”, indica que só nos realizamos em comum (NASCIMENTO, 2015).

De acordo com essa perspectiva quando estamos falando de *umuntu* (ser humano) estamos falando de sua qualidade, ou seja, de uma atitude de respeito. Respeito pelo outro. Considero a forma como o outro manifesta seu pensamento em sua linguagem. Nisso já compreende-se uma postura ética do *ubuntu*, uma vez que ela não se separa da ontologia e epistemologia, como veremos a seguir:

1.3 *Ubuntu* na perspectiva ética

Nestes termos podemos apresentar as características éticas do *ubuntu*: reconhecer o outro, respeitar, ser indulgente, paciente, ter atitudes corretas e orientar toda a nossa energia para outro. Acrescenta Castiano:

Em outras palavras: não basta a existência do Ser humano para ser reconhecido como *humano*. É necessário que o Ser se *torne*, portanto que apareça como humano para termos o *ubuntu*. Porque o juízo ético sobre alguém é que determina a sua posição social legal. A pessoa deve estar constantemente, através do seu comportamento, a provar que possui *ubuntu* (2010, p. 158).

A Ética *Ubuntu* oferece uma perspectiva interessante e, do nosso ponto de vista, adequada para uma definição de constituir-se coletivamente. Essa é a essência do *Ubuntu*, conforme outro aforisma sul-africano: “*Feta kgomo o tshware motho*” (língua sepedi). O seu ensinamento é o seguinte: “Se e quando uma pessoa tiver de enfrentar uma escolha decisiva entre a riqueza e a preservação da vida de outro ser humano, deve sempre optar pela vida do ser humano” (RAMOSE, 2009, p. 135). Na ótica de Castiano:

A partir de valores inspirados no *ubuntu*, a cultura africana, procura fundamentos para resolver problemas modernos. “*ubuntuísmo* constitui ambas as coisas, uma discricção factual do *estar-com-outros* e um código de conduta que procura articular

⁶ “A linguagem torna-se um conceito filosoficamente importante, sobretudo na medida em que, a partir do pensamento moderno, passa-se a considerá-la como elemento estruturador da relação do homem com o real. A partir daí afirma -se mesmo a natureza intrinsecamente linguística do pensamento, discussão essa que permanece em aberto ainda hoje na filosofia. Igualmente, uma vez que toda teoria tem necessariamente uma formulação linguística e se constrói linguisticamente, o problema da natureza da linguagem e do *significado passa a ser de grande importância para a epistemologia” (Dicionário Básico de Filosofia de D. Marcondes; H. Japiassú).

o respeito e a compaixão para com o outro. A filosofia moral *ubuntu*, é funcional para as pessoas vivendo em comunidades precisamente por causa do seu poder em criar a cooperação e unidade entre as pessoas (2010, p. 168).

Nesta mesma linha de pensamento Severino Ngoenha (2010), confirma que o objetivo final da ética *ubuntu* não era simplesmente a identificação do outro, nem mesmo perceber o outro como semelhante, mas também dar-lhe respeito, admitir que minha vida é igual a sua. Trata-se do reconhecimento do seu ser, da sua existência, da sua identidade, do seu lugar numa cidade comum.

2 *Ubuntu*: alternativa para superar a crise político-social

A partir dos aspectos ontológico, epistemológico e ético do *ubuntuísmo* propomos uma discussão no viés político-social. Identificamos por exemplo que nos movimentos de libertação, tais como, o movimento da comunidade negra da diáspora (EUA) e da África do Sul (SA) no contexto da apartheid, o *ubuntu* teve um papel importante para a restauração da igualdade racial, social e no processo de reconciliação e paz como propôs Desmond Tutu⁷ na Comissão de Verdade e Reconciliação (SA).

No contexto da história recente de Moçambique, vale ressaltar, dois grandes momentos: a Independência em 1975 e o Acordo Geral de Paz em 1992. O primeiro foi antecedido pela luta armada contra a colonização portuguesa que culminou no Acordo de Lusaka⁸. No segundo põe fim aos 16 anos de uma guerra fratricida⁹. No entanto, o país experimenta ainda uma colonização, na qual o colono não é um sujeito concreto, mas o sistema do mercado internacional. E, o Acordo de Paz de 1992 não atingiu seu fim último, uma vez que, renasceram as hostilidades no interior do país, escasso diálogo político e uma pálida democracia. Tudo isso, atrasa o desenvolvimento humano e econômico da sociedade

⁷ “Grande parte da luta contra a colonização na África e contra o apartheid, especialmente a partir das contribuições dadas pelo prêmio Nobel Desmond Tutu, arcebispo anglicano emérito da Cidade do Cabo, na África do Sul, encontrou sua força nessa filosofia”. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

⁸ A 7 de setembro de 1974, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) E o Governo colonial português assinaram, na capital zambiana, Lusaka, um memorando de entendimento visando por fim a 10 anos de guerra. São chamados Acordos de Lusaka. Disponível em: <<http://macua.blogs.com>>. Acesso em: 07 nov. 2015. Confira os acordos no site <<http://www1.ci.uc.pt/>> da Universidade de Coimbra.

⁹ Conforme a publicação, “Acordo Geral de Paz: a essência da paz em Moçambique”, no dia 04 de outubro de 2012 do Jornal O País: “O Acordo Geral de Paz (AGP), aprovado pela Lei n.º 13/92 de 14 de Outubro, é o instrumento legal que garante a execução do entendimento entre o Governo de Moçambique e a Renamo, desde o cessar-fogo no conflito que durou 16 anos, bem como o estabelecimento de uma democracia multipartidária no país”. Disponível em: <<http://opais.sapo.mz/>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

moçambicana. Diante dessa realidade recorreremos a três princípios caros à cultura negro-africana: família alargada, negritude e solidariedade como alternativa para superar a crise.

2.1 Família alargada: primeira experiência do *ubuntu*

A família alargada é um dos conceitos que nos ajuda a compreender o *ubuntu* como alternativa para ultrapassar a desigualdade político-social.

Segundo Mwamwenda (2005) a família alargada para os africanos compreende os membros mais próximos como tios, avós e primos, etc., vivendo ou não debaixo do mesmo teto. Realizam muitas atividades em conjunto como comer, dormir, trabalhar e aprendem nessa convivência o respeito, a confiança e o valor de estarem juntos, onde cada um dá a sua contribuição à comunidade. Na família alargada os fortes, sobretudo, financeiramente, devem ajudar os mais fracos, como por exemplo, um tio ou tia que se responsabiliza pelo pagamento de mensalidades das crianças que os pais não têm condições financeiras. Altuna nos oferece outra ideia desse conceito:

A família alargada conserva uma unidade superior a todas as instituições bantas, porque se fundamenta numa realidade sagrada. A comunidade de vida encontra a sua estabilidade numa sólida organização social comunitária, ao mesmo tempo religiosa e econômica (2000, p. 122).

Noutra perspectiva, isto é, do ponto de vista socialista, Julius Nyerere¹⁰, a família engloba, em última análise, toda a sociedade humana. Pode-se dizer que “a base, e o objetivo, do socialismo africano é a família alargada. O autêntico socialista africano... considera todos os homens como seus irmãos - como membros da sua família que sempre se alarga” (MAKUMBA, 2014, p. 196).

O socialismo proposto por Nyerere tem seu fundamento no princípio da igualdade humana, que deve ser aplicada aos diversos setores da sociedade, nomeadamente, econômico, social e político. A igualdade de todos os membros é fundamental para qualquer grupo social a que um indivíduo livremente pertence. A sociedade ideal baseia-se na igualdade humana e numa combinação de liberdade e unidade dos seus membros. O amor, a partilha e o trabalho são os princípios fundamentais para a existência da sociedade. São eles os princípios que regem a família alargada na cultura tradicional africana (MAKUMBA, 2014).

¹⁰ Julius K. Nyerere e a Ujamaa – primeiro presidente da Tanzânia independente, em 1962. “Defendeu um socialismo de rosto humano, que apelidou de *Ujamaa*. *Ujamaa* é um termo em *kiswahili* que pode ser traduzido como família ou fraternidade” (MAKUMBA, 2014, p. 195).

2.2 *Ubuntu* e o movimento da negritude

A mola propulsora na busca pela justiça no pensamento *ubuntu* é representada pelo movimento da *negritude*. Assim apresenta o filósofo brasileiro, Euclides André Mance, sobre a origem do movimento da *negritude*:

Entre os iniciadores deste movimento estão Aimé Césaire, Leopold Sédar Senghor e Léon Damas. O termo foi cunhado por Césaire, buscando contrapor-se ao modo pejorativo como era usada a expressão ‘negro’ na linguagem dominante. Enquanto Césaire e Damas acentuaram a dimensão de revolta poética do movimento, Senghor avançava no desenvolvimento filosófico da negritude, como articulação dos conjuntos dos valores do mundo negro, com suas implicações estéticas, ontológicas, epistemológicas e políticas (KAJIBANGA et al, 2015, p. 42-43).

A negritude é um movimento de protesto contra a submissão do negro, surge a partir de uma viragem particular da história europeia, caracterizada entre outros, pelo princípio do relativismo cultural. Ao fazer referência a Senghor, diz Ngoenha, “no sentido geral da palavra, o movimento da negritude – a descoberta dos valores negros e a tomada de consciência, por parte do negro, da sua situação – nasceu nos Estados Unidos da América” (2014, p. 58). Nos três fundadores do movimento da negritude delineavam-se três diferentes tendências: Para Damas, tratava-se de negar a assimilação e de defender a própria qualidade de negro. Para Césaire, era a constatação de um facto que se resolve no regresso e na assunção do destino da raça. Para Senghor, a negritude delineava-se como descoberta, defesa e ilustração do próprio patrimônio racial e do espírito da própria civilização (NGOENHA, 2014).

Esse movimento para Ngoenha (1994) tinha como objetivo a civilização universal, isto é, a partir da afirmação do negro e da negação da assimilação, propor um novo tipo de convivência, de cooperação entre as culturas para um construir uma nova humanidade.

Para pensar o universal cada pessoa parte da sua realidade específica. Porque quem pensa o universal é sempre um homem singular, pertencente a um grupo particular, situado no espaço e no tempo. Assegura Ngoenha: “É no quadro desta interrogação sobre a dificuldade epistemológica plurissecular de pensar o Outro que se deve situar a história do pensamento antropológico, enquanto discurso sobre a alteridade e a diferença” (2014, p. 20).

Na África do Sul com a versão de *Black Consciousness* de Stive Biko, o movimento da *consciência negra* tem por missão fazer crescer a solidariedade entre os negros e implica uma ‘atitude da consciência’ e ‘uma forma de vida’ que mobiliza tudo o que de positivo pode emanar do mundo negro. É a união da comunidade dos irmãos negros em torno da causa

comum, libertar-se da opressão e servidão para viver a dignidade de pessoas humanas com todas as possibilidades de desenvolvimento (CASTIANO, 2010).

2.3 *Ubuntu*: uma alternativa à justiça social e solidariedade

Ngoenha garante que a verdadeira questão glocal de hoje é a justiça. “A filosofia africana, por seu lado, reclama a justiça, primeiro como reconhecimento da dignidade humana nos africanos, depois como direito a soberania política” (NGOENHA, 2010, p. 68). E, nesse sentido destacam-se duas razões do surgimento da filosofia *ubuntu*. Ela em primeiro lugar ocupou-se essencialmente de problemas do mundo negro: luta contra a escravidão, integração social das diásporas, emancipação política, luta contra a pobreza absoluta. A segunda razão tem a ver com a especificidade e a pertinência teórica do conceito *Ubuntu* na reflexão sobre a justiça.

Aqui encontramos um elemento que pode ser reformulado para fundamentar o princípio da governação em termos de filosofia, segundo o qual, a razão e a justificação do governo é o seu povo. Cada governante deve encontrar no *ubuntu* o seu fundamento e sua inspiração, ou seja, tratar o povo de forma respeitosa, acolhendo suas preocupações e desenvolver uma atitude de *cuidado* com as todas as pessoas, de preferência aquelas que são mais vulneráveis.

A partir disso, Ngoenha propõe uma atitude de comunhão, isto é, a partilha dos bens. “A comunhão, partilha do ‘*munios*’, não está em primeiro lugar ligado às riquezas, ao muito. São gestos, atitudes, as pequenas coisas, que constituem os sinais, fortes desta necessidade de comunhão que dá cor à vida” (2013, p. 212).

O *ubuntu* pode, portanto, ser entendido como ‘o que é comum a todas as pessoas’. Ele também pode ser entendido como forma democrática que pode assumir a multidão, relação social de interdependência, que tem a cooperação, e também a igualdade, como princípios materiais. E se a igualdade é condição, não há *ubuntu* e nem constituição do comum sem aberturas às singularidades, reconhecimento material de sua importância e potencialização de suas capacidades criativas (NASCIMENTO, 2015).

Segundo o teólogo congolês, Bas’Ilele Malomalo, *ubuntu* e felicidade são conceitos que andam juntos:

Na África, a felicidade é concebida como aquilo que faz bem a toda coletividade ou ao outro”. E quem é o meu “outro”? “São meus orixás, ancestrais, minha família,

minha aldeia, os elementos não humanos e não divinos, como a nossa roça, nossos rios, nossas florestas, nossas rochas” (MALOMALO, 2010, p.19).

Dessa forma, para a filosofia africana, o ser humano tem uma grande responsabilidade para a manutenção do equilíbrio cósmico. Um mundo mais justo e igualitário passa necessariamente, pela alteridade, compaixão e solidariedade. Sobre a solidariedade, Ngoenha diz que:

Entre os vários questionamentos filosóficos que o processo de mundialização suscita, ressalta a uniformização axiológica e cultural do mundo; o paradoxo ecológico, entre o imperativo da solidariedade diacrônica para com as gerações futuras e o esquecimento [...] de uma solidariedade sincrônica para com os países pobres do planeta (2010, p. 64).

A solidariedade diacrônica para com as gerações futuras, conforme Ngoenha (1994) é uma forma de pensar ecologicamente sobre a economia de recursos para o desenvolvimento, isto é, possibilitar para as gerações futuras o desenvolvimento através do equilíbrio ecológico.

No entanto, somos desafiados à solidariedade não somente linear olhando para as gerações futuras, mas sim precisamos sincronizar a solidariedade, confrontado épocas, abertura para interculturalidade superando a linearidade absoluta, pois, conforme Ngoenha (1994) a solidariedade é uma força que possibilita o avanço dos países porque estes sabem unir os esforços para um objetivo comum.

Ngoenha (2004) chama a atenção para o risco que se corre quando solidariedade africana fica apenas no discurso, mas que na prática, como por exemplo, no contexto moçambicano de cheias e outros momentos de dificuldades pouco se vê dessa prática, tornando essa solidariedade mais um mito do que uma prática efetiva.

O homem sob o ponto de vista do *ubuntuísmo* só é, quando trata os outros como ser humano, e tratar o outro como ser humano envolve a sua capacidade de inteligência e noção do saber, pois não se pode considerar uma pessoa inteligente se ela não é capaz de tratar bem e ser justo com o outro.

Conclusão

Nessa nossa interação com o pensamento filosófico africano, em particular, no que diz respeito ao referencial do *ubuntuísmo*, entendemos que esse referencial nos possibilita a compreender, acolher e assumir a vida humana como o maior valor a ser *cuidado*. Na

perspectiva de Ramose (2009) qualquer sistema político econômico que seja contrário a esse princípio contém em si mesmo fonte de instabilidade, conflitos e guerra.

O *ubutuísmo* em sua forma genuína, isto é, ‘ser ser humano reconhecendo a humanidade dos outro’, revela uma alternativa para superar algumas crises no contexto africano tais como: *na dimensão cultural* o *ubuntu* indica valores intrínsecos do ser e viver africano (a hospitalidade, o ritmo e a celebração da vida) os quais toda a humanidade necessita; *na convivência* entre as diversas etnias africanas a superação do tribalismo formando a rede de solidariedade, partilha e comunhão; *na construção do diálogo e da paz* diante da realidade de conflitos em alguns países africanos o *ubuntu* torna-se um princípio fundamental porque respeita e acolhe o pensamento do outro para juntos construir uma única família humana; e *na política* o *ubuntu* representa o fundamento de uma sólida democracia e justiça social, onde o bem comum é o objetivo a construir, não isoladamente, mas uma luta de todos.

Nesse sentido, a filosofia moçambicana é convidada a dar seu contributo na busca da libertação integral do *ubuntu* no seu contexto. E, nessa empresa não começaremos do zero, pois, já temos algumas iniciativas, tais como, os trabalhos de José P. Castiano, Severino Elias Ngoenha, Ezio Bono, além de outros. Assim nos testemunha Ngoenha

Se existe um substrato filosófico que está na origem axiológica de Moçambique é sem dúvida a busca de liberdade. Aliás, a busca de liberdade caracteriza a história de África no último século (2004, p. 34).

Esta liberdade é fruto de um processo que a cada evento histórico (colonizador) deve investir em uma nova conquista.

Portanto, a liberdade de uma nação implica uma responsabilidade e um compromisso político-social. O seu desenvolvimento é antes de tudo o desenvolvimento do ser humano e é, sobretudo, o respeito pela dignidade humana, conforme nos ensina o aforisma: “*Umuntu Ngumuntu Ngabantu*” (Ser ser humano é afirmar a sua humanidade reconhecendo a humanidade do outro).

Referências

ALTUNA, Pe. Raul Ruiz de Asúa. **Cultura tradicional banta**. Maputo: Paulinas, 2006.

BONO, Ezio Lorenzo. **Muntuísmo: a ideia de pessoa na filosofia africana contemporânea**. Maputo: Editora Educar, Universidade Pedagógica, 2014.

BRANDÃO, Carlos (et al). **Enculturação e libertação**. Semana de Estudos Teológico: CNBB/CIMI: Paulinas, São Paulo, 1986.

CASTIANO, José P. **Filosofia Africana: da Sagacidade à Intersubjectivação** com Viegas. Editora, Educar - Universidade Pedagógica, Maputo, 2015.

CASTIANO, José P. **Referenciais da Filosofia Africana: em busca da Intersubjectivação**. Maputo, Ndjira, 2010.

KIJIBANGA, Victor; MANCE, Euclides André; OLIVEIRA, Reinaldo João de. **O que é filosofia Africana?** Escolar Editora: Lisboa, 2015.

MAKUMBA, Maurice M. **Introdução à Filosofia Africana. Passado e presente**. Maputo, Moçambique: Paulinas, 2014.

MWAMWENDA, Tuntufye S. **Psicologia Educacional – uma perspectiva Africana**. Coleção Educação Hoje. Maputo: Textos Editores Ltda, 2005.

NASCIMENTO Alexandre. **Uma reflexão sobre o atual ciclo de lutas do comum no Brasil**. In. REVISTA LUGAR COMUM -. Nº43, pp. 15, publicado em 14 de março de 2015. Disponível em: <uninomade.net/lugarcomum>. Acesso em: 05 maio 2015.

NGOENHA, Severino Elias. **O retorno do bom selvagem: uma perspectiva filosófica-africana do problema ecológico**. Porto – Portugal: Edições Salesianas, 1994.

_____. **Os Tempos da Filosofia: filosofia e Democracia Moçambicana**. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

_____. **Intercultura, Alternativa à Governação Biopolítica?** Maputo: Publifix, 2013.

NGOENHA, Severino E. & Castiano, José P. **Pensamento engajado: ensaios sobre Filosofia Africana**. Maputo: Educar, 2011.

RAMOSE, Mogobe. B. **Globalização e Ubuntu**. In. Epistemologia do Sul. (Org.) Boaventura de Sousa Santos & Maria Paulo Meneses. Coimbra: Editora Almedina & CES, 2009.

_____. **Ubuntu: Eu sou porque nós somos**. In. Revista IHU On-line n. 353. São Leopoldo-RS: Unisinos, 2010. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br>>. Acesso em: 05 out. 2015.